



GREVE DA FIAT

DE 42 DIAS



*É melhor ser grevista dentro da Fábrica
do que marginal na rua.*

TODO PODER AO PEÃO SARAPA!

OBS.: Este documento não pretende ser uma análise política do conjunto do movimento. Esta análise está sendo preparada pelo Comando de Greve da FIAT, que deverá lançar um livro sobre os vários aspectos da greve. Como ainda existe o "estado de greve" dentro da empresa, devido à Demissão dos 49 companheiros na Justa Causa, estamos aguardando o desenvolvimento da luta que nossos companheiros estão travando.





INTRODUÇÃO

A greve dos operários da FIAT DIESEL-RJ é um exemplo a ser seguido por todos os operários. Apesar da derrota das reivindicações, os trabalhadores da FIAT mostraram que esta é a principal arma de luta contra a atual forma de exploração violenta do capitalismo: a rotatividade de mão-de-obra e o desemprego.

A greve mostrou a fragilidade do movimento operário nacional, pois, apesar de lutar contra um mal que atinge o conjunto dos trabalhadores, não obteve a solidariedade necessária, que se expressaria numa forte e ampla resposta da classe. Não porque faltasse disposição e combatividade aos trabalhadores, mas fundamentalmente pela falta de organização nas outras fábricas.

Mostrou também a falta de apoio que sofre um movimento grevista quando ele é dirigido e organizado pelos próprios operários. Mostrou em quem o trabalhador pode confiar.

Com a greve, paralisa-se a produção e conseqüentemente o que o capitalista procura com avidez: o lucro. Sem o lucro, o capitalista é obrigado a pensar nas reivindicações de seus empregados. A greve é, portanto, a arma que o trabalhador tem para defender suas reivindicações frente aos patrões.

O capital é um animal feroz que, por causa do lucro, é capaz de qualquer atrocidade. A greve da FIAT mostrou, com riqueza de detalhes, como os patrões se utilizam de todos os meios, desde a polícia, as leis, e o governo para impor a derrota, para humilhar, pisotear e perseguir os trabalhadores que se rebelam à sua brutal exploração.

A greve da FIAT, ao levantar a luta contra o desemprego, desafiou não somente os donos da FIAT, mas todos os capitalistas, que estão usando e abusando da dispensa e da rotatividade da mão-de-obra para garantir seus lucros nessa época de crise. Por isso, a classe capitalista se uniu em suas Federações para esmagá-la.

Na sociedade capitalista, as formas de "convivência humana" degradam o homem e impõem à massa trabalhadora a miséria econômica, política e cultural. Transformam cada trabalhador num marginal em potencial. A organização da produção dentro das empresas é na realidade a destruição da sensibilidade humana. Os métodos utilizados semeiam o ódio, o individualismo e a submissão. OS TRABALHADORES PRECISAM ENTENDER E COMBATER TUDO ISSO.

De sua parte, os atuais sindicatos, atrelados ao Ministério do Trabalho, não são organismos em que a classe possa confiar. Esses sindicatos não combatem a essência da crueldade do capital, nem têm condições de se tornar instrumentos eficazes de luta, na medida em que se organizam e são administrados da mesma forma que uma empresa capitalista. Os empregados dos sindicatos consideram os Diretores como patrões. Por quê? Porque eles agem como patrões. Têm suas mordomias, privilégios, ajuda de custo, prestígio, que pouco a pouco os afastam do nível social comum aos trabalhadores, e os levam a brigar encarniçadamente pela perpetuação nos "cargos" de diretores da "empresa". Defendem a burocracia administrativa e o assistencialismo, e impedem que o sindicato se transforme num instrumento ágil, pronto a intervir e apoiar as lutas travadas pela classe.

Os trabalhadores, para poder combater de modo conseqüente pelos seus interesses, precisam criar formas de organização independentes e autônomas, livres de qualquer influência patronal. A construção de organizações independentes da classe trabalhadora, unindo os peões numa poderosa organização de massa, onde se respeita tudo aquilo que o trabalhador pensa, lutando ombro a ombro para desenvolver seu nível de consciência.

Ainda, no decorrer do movimento, se desmascararam correntes políticas pequeno-burguesas, como foi o caso do "Hora do Povo", que age com métodos fascistas e em conciliações permanentes com os traidores da classe operária. Na FIAT tentaram, com seus canivetes, porretes e revólveres, impedir que denunciássemos a traição da diretoria do sindicato dos metalúrgicos, da qual fazem parte. Apesar das ameaças permanentes e inclusive da nossa expulsão do sindicato, não nos calaremos e vamos continuar denunciando para todos os trabalhadores o que esta Diretoria repre-

senta, bem como aqueles que utilizam correntes para defender suas idéias políticas.

Os trabalhadores da FIAT têm consciência de como funciona o esquema de dominação dos patrões no Sindicato dos Metalúrgicos, e como as "galinhas verdes" do HP cumpram, melhor do que ninguém, a função de cães de guarda dos patrões. Estão agora tentando isolar a Comissão Interna dos Trabalhadores da FIAT, para assim poderem manobrar à vontade e fazer o jogo sujo que sempre fizeram nas costas dos peões. Estão enganados: REPRESENTATIVIDADE NÃO SE TRANSFERE, NEM SE CONQUISTA DESSE MANEIRA.

Rio de Janeiro, 30/6/1981

COMANDO DE GREVE



1

A ORGANIZAÇÃO INDEPENDENTE DOS OPERÁRIOS DA FIAT

Acreditando que é a massa organizada e em movimento que faz a história;

Acreditando também que as decisões do movimento de massa devem estar nas mãos das organizações de massa, e que a influência e direção de vanguardas deve ser dada pelo convencimento do acerto de seus argumentos; e que seus argumentos devem ser defendidos democraticamente nos organismos de massa;

Acreditando que só a palavra de ordem "TODO PODER AO PEÃO", e a prática do exercício desse poder, é que cria as condições para a renovação, fortalecimento e crescimento de uma autêntica vanguarda, que não privilegie apenas os aspectos teóricos da luta operária, mas principalmente a luta do dia-a-dia contra a exploração, a repressão, a opressão, o autoritarismo e a submissão;

Acreditando que não deve haver abismos entre a vanguarda e a massa, e que não deve haver vanguardas permanentes, que não se renovam;

Acreditando nisso tudo e na própria capacidade que o trabalhador tem de identificar imediatamente seu inimigo de classe, e de acumular força para combater esse inimigo feroz, é que um grupo de operários da FIAT começou a se organizar totalmente independente de qualquer influência patronal e do próprio sindicato oficialista.

A forma de organização que experimentamos — os Comitês de Luta — é importante para que se possa manter a luta contra a exploração. Sem desenvolver organismos dentro das empresas, de crescente participação dos operários, os movimentos dos trabalhadores não conseguem dar saltos de qualidade, e acabam sendo destruídos ou desviados de seus interesses fundamentais.

Os trabalhadores devem participar de todos os organismos de atuação político-sindical que possam ajudá-los a combater a exploração. Porém, ao mesmo tempo, devem criar poderosas organizações de base dentro das empresas, sem que o patrão as possa identificar.

Esses Comitês de Luta, clandestinos aos patrões, devem estar abertos para todos os operários que aceitem seus princípios básicos:

a) **DEMOCRACIA OPERÁRIA:** submissão da minoria à minoria, inclusive da "vanguarda". A minoria tem o direito de se manifestar;

b) **AUTONOMIA E INDEPENDÊNCIA:** Os Comitês de Luta atuam dentro do Sindicato pelego, mas em hipótese alguma devem permitir ser controlados ou integrados à estrutura do Sindicato oficialista. No Comitê se manifesta a total autoridade operária: "Quem manda é o peão". Portanto, o CL é apartidário, sem obedecer a qualquer organismo "superior", ou a qualquer partido;

c) **DIREÇÃO COLETIVA E COMBATE ÀS HIERARQUIAS:** Os CL não devem se subordinar a "instâncias superiores" e muito menos criar "instâncias inferiores". Devem permanentemente lutar para que haja ao máximo a divisão de tarefas, de informações para todos. Assim se criam condições para o exercício da direção coletiva. É um risco muito perigoso um ou um pequeno grupo de ativistas controlar ou decidir pelo grupo;

d) **RESPEITO À INDIVIDUALIDADE:** Os CL devem respeitar a capacidade individual de cada ativista. Para um bom desempenho da ação do Comitê devem-se utilizar as capacidades individuais daqueles que reúnem melhores condições de levar as posições do Comitê e da massa. Porém, isto não pode significar a concentração de poder ou de informação nas mãos dessas pessoas. À medida em que se democratizam ao máximo as informações, mais condições teremos de exercer a democracia operária;

e) **AÇÃO CLANDESTINA:** É fundamental para uma boa ação e desempenho do CL o seu funcionamento sem que os patrões saibam quem são seus membros. Porém, há condições, como o caso da FIAT, em que os trabalhadores garantem no peito e na raça companheiros que os patrões imaginam que são ativistas do CL. A ação clandesti-

na é para que patrões, pelegos e puxa-sacos não saibam, mas em hipótese alguma o CL é secreto para a massa. Os CL devem procurar ampliar a criação e participação de organismos legais. A atuação nesses organismos, como CIPA, Delegações Sindicais, Comissões etc., está respaldada por uma ampla rede de núcleos dentro da empresa. Os organismos legais são fundamentais na divulgação e ampliação da ação dos CL. É uma luta sindical, mas que constrói pouco a pouco o poder operário dentro da empresa e se impõe aos patrões, à chefia e ao pelego traidor;

f) **ORGANISMO DE MASSA:** a articulação e organização do Comitê é bastante flexível, sem sectarismos, dogmatismos ou quaisquer aparelhismos. É uma organização do peão e, portanto, deve funcionar de acordo com o nível, compreensão e capacidade do peão de se organizar dentro da empresa. O CL, como organismo de massa, procura dividir todas as responsabilidades com os trabalhadores, desde a elaboração e impressão de panfletos, o recolhimento de dinheiro, até as discussões permanentes com os trabalhadores sobre os problemas da fábrica.

FUNÇÃO BÁSICA DO COMITÊ — O CL parte do princípio de que o aprendizado político e a capacitação dos trabalhadores se dá na própria ação concreta e na democratização das decisões e da informação. Luta intransigente e permanente utilizando todos os meios possíveis na defesa dos interesses mais imediatos do conjunto da fábrica, ou de uma linha ou setor de produção. Defesa sem tréguas de todos os interesses sindicais da classe. Combate a todas as formas de humilhação e autoritarismo por parte dos patrões, da chefia etc. Defesa da dignidade e criação do poder do trabalhador dentro da empresa. Denúncia feroz contra o peleguismo. Denúncia contra o Sindicato oficialista como um instrumento dos patrões para *desviar* os trabalhadores da criação de um sindicato controlado pelas bases e independente de qualquer influência dos patrões.

Os Comitês de Luta e sua ação com os trabalhadores elegem e mantêm uma organização de base, como é a Comissão Interna de Empregados da FIAT, eleita com 90,8% de votos. Da mesma forma, são eleitos democraticamente Comandos de Greve, quando o movimento exige. Isso não quer dizer que nesses organismos só participam ativistas do Comitê.

A Comissão se impõe aos patrões porque é garantida por toda a massa, que a elege e a faz sua porta-voz. Isso permitiu, por exemplo, que a nossa greve tenha se mantido durante 42 dias.

Outro aspecto importante é o fato de que a fábrica, para dismantelar grande parte da atuação do Comitê, precisa demitir centenas de operários, como foi o caso da nossa greve, e não apenas alguns líderes.



2

ALTA ROTATIVIDADE E REDUÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO.

A DEMISSÃO DE 250 COMPANHEIROS

Desde que a FIAT assumiu o controle acionário da antiga FNM, vem demitindo, reduzindo o número de operários e mantendo alta rotatividade de mão-de-obra.

As grandes empresas trocam integralmente seu quadro funcional a cada quatro anos. A FIAT DIESEL troca em muito menos, e vem reduzindo violentamente o seu efetivo. Por exemplo: Um companheiro demitido de matrícula 13.531, que estava há 6 anos e 4 meses na fábrica, quando saiu de lá, o número de matrícula estava por volta de 20.250. Ou seja, nesse período entraram 6.750 pessoas. Em dezembro, a fábrica tinha 3.250 operários. Levando em consideração que na época devia ter 6.500, mais 6.750 de diferença no número de matrícula, dá um total de 13.250. Hoje temos menos de 3 mil operários. Significa que nesse período de 6 anos e 4 meses foram demitidos mais de 10 mil operários.

A redução se prova também pelo fato de que há 4 anos e meio éramos 7.700 famílias operárias, e hoje temos menos de 3.000. A produção foi reduzida apenas no que se refere à transferência do automóvel Alfa Romeo para Betim. Ainda há um processo contra a FIAT por isso, pois utilizou os escandalosos benefícios dados pelo governo e depois parou de produzir o carro. Além disso, ela transferiu partes do processo de produção para outras empresas coligadas ou criadas por ela, que utilizam menor quantidade de mão-de-obra e pagam salários mais baixos.

Está claro que a FIAT é uma das multinacionais que mais utiliza a rotatividade permitida pelo FGTS e dessa forma garante uma exploração violenta da força de trabalho do operário.

A atual crise de emprego aumenta ainda mais as condições de aplicação dessa política desumana contra os tra-

balhadores, que acabam arcando com a crise e garantindo o lucro do capital.

Através dessa rotatividade, a empresa aproveita para perseguir, desmobilizar e demitir todos os operários que não se sujeitam totalmente aos seus mesquinhos interesses. É o caso da perseguição movida pela empresa a dezenas de operários e a representantes da Comissão Interna de Empregados.

No caso da FIAT, a Diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos do RJ colabora diretamente através de denúncias de companheiros, de publicação de panfletos clandestinos xerografados na empresa e feitos com a finalidade de desmoralizar a ação da Comissão e de seus membros.

Tivemos dois casos de demissão de representantes da categoria, que foram muito importantes para a deflagração do movimento pela garantia de emprego.

O primeiro caso, foi a demissão do nosso Companheiro Juvenal, vice-presidente da CIPA, que tinha sua estabilidade garantida por lei. Essa demissão ocorreu no dia 24/12/80, véspera de Natal, e revoltou os operários, pela forma covarde como foi planejada na sala do Sr. Capitão Wilson Cerqueira (chefe da Segurança).

Conforme é prática da Diretoria do Sindicato, Pimentel, presidente, só foi à empresa por pressão nossa, no dia 4 de fevereiro.

O sr. Nilson Duarte, suplente de Pimentel e atual Delegado Sindical da área de Caxias, foi surpreendido, junto com a chefia de segurança, espalhando um panfleto contra a Comissão, difamando os companheiros no linguajar mais sórdido que existe, justificando a demissão de Juvenal, criticando as mordomias do Lula, de São Bernardo etc. Objetivo: desmobilizar o pessoal para lutar pelo retorno de Juvenal e confundir os trabalhadores. Era dia 28 de janeiro, às 4:50 h da manhã, intervalo entre o fim do horário noturno (4:15 h) e o início do diurno (7:00 h).

A empresa nesse dia deu sorte, pois os trabalhadores estavam sem dinheiro e 65% do pessoal estava voltando de férias coletivas.

Não saiu greve geral, mas em algumas seções houve paralisações parciais e temporárias e em outras operação taruga.

O 2º caso: Satisfeita pela aparente "vitória", a FIAT, na sua sanha assassina de perseguição aos representantes classistas, resolveu demitir mais um companheiro da Comissão Interna, no dia 6 de março.

Estava claro, agora, que o objetivo da empresa era pouco a pouco destruir a Comissão. O Sr. Fernando Guimarães, de fachada social-democrata, tinha demonstrado suas garras e seu caráter fascista.

A Comissão parte para uma denúncia firme e diz que vai parar a fábrica.

Porém, os operários se sentem impotentes para iniciar um movimento paredista, e ainda não vêem ameaçado o conjunto da Comissão.

COMEÇA A SE GESTAR O ÓDIO ACUMULADO E A RESPOSTA À EMPRESA

Em março, a Comissão Interna denuncia alguns documentos da empresa, mostra a cumplicidade que a mesma tem com as autoridades governamentais, como é o caso de subsídios — que é dinheiro do povo — para a não-demissão, e no entanto é o que a empresa mais vinha fazendo.

A FIAT recebeu durante o ano de 1980 o total de 800 milhões de cruzeiros, mais do que a folha de pagamento dos doze meses do ano de 1980, exatamente para não demitir ninguém, e no entanto fazia o contrário.

Com a nossa resposta a FIAT resolveu dar uma trégua no processo de demissões desumanas.

No dia 29 de abril, a empresa demite 250 operários. A reação é imediata e alguns setores paralisam o trabalho. Eram 16:00 horas da tarde. Dentre os demitidos estão vários companheiros com problemas de doença, 3 membros da Comissão Interna, e muitos companheiros combativos.

No dia 30, os trabalhadores já queriam partir pro pau. A Comissão defende que é melhor esperar, pois teríamos que garantir o pagamento integral do mês de abril.

Em função desta pressão, a fábrica volta atrás e readmite os 3 membros da comissão; alegava desconhecer oficialmente seus nomes. Realmente, um mês após as elei-

ções para a comissão, o sindicato ainda não tinha comunicado à empresa.

Como no dia anterior (29) tínhamos ido ao sindicato e obrigado o Sr. Pimentel a fazer o ofício imediatamente, a empresa, estando de posse dele, "resolveu voltar atrás" no dia seguinte.

Sabíamos que a empresa estava usando a tal crise para demitir. Sabíamos que na 2.ª-feira iriam demitir mais 100 companheiros, e todos os que estavam em férias, que retornariam a partir do dia 14 de maio, também teriam um destino certo: RUA.

A queda momentânea da produção em abril alegada pela empresa foi um golpe, pois em julho a sua programação prevê aumento de 50% das exportações em relação a abril.

As demissões do dia 29 foram feitas porque o patrão julgava os trabalhadores impotentes para responder à altura a seus mesquinhos desmandos. Nunca, na história das lutas operárias no Brasil se teve notícias de luta pela garantia de emprego, aliada com a volta dos demitidos, e retorno de dois representantes dos trabalhadores.



3

RELATO VIVO DA GREVE

30 de abril: Começavam as paralisações parciais e localizadas, operações-tartaruga e deslocamentos de seções. A massa já começa a manifestar seu descontentamento, mesmo sem esperar a decisão da assembléia.

Nesse mesmo dia, os demitidos são proibidos de entrar às 7:00 h. Seguranças e bombeiros fazem um cordão de isolamento e só entram os que não estão na lista negra dos desempregados. Os peões vão, pouco a pouco, se juntando no portão e os demitidos vão ficando na frente. Num determinado momento, todos começam a empurrar e não teve guardas e nem bombeiros que segurasse a disposição dos companheiros em colocar dentro da empresa os seus "parceiros de inferno".

A noite, 1.100 operários decidem: GREVE.

Reivindicam:

- Um ano de garantia de emprego
- Retorno dos 250 demitidos
- Volta de Leal e Juvenal.

A palavra de ordem: É MELHOR FAZER GREVE DE DOIS MESES DENTRO DA FÁBRICA DO QUE SE TORNAR MARGINAL NA RUA!

Pimentel, em entrevista concedida à "Folha de S. Paulo", posiciona-se contra a greve, e propõe formar uma Comissão para discutir com o patrão. Mesma proposta fez em março/80 em mesa-redonda, em que não se chegou a nada. Naquela época, a empresa demitiu, em fevereiro, 250 operários, parceladamente.

4 de abril: segunda-feira. A polícia militar, com mais de 200 homens, ocupa os portões da fábrica, pára os ônibus que levam os operários, e obriga os demitidos a saírem à força. Não foi feita a assembléia no lado de fora da empresa como havia sido decidido. A comissão não entrou na fábrica. Juntou o pessoal e formou

o comitê dos demitidos ali mesmo, e só foi entrar na fábrica às 7:50 h. Lá dentro, a produção já estava totalmente paralisada.

Acostumada com sucessivas vitórias desde 1978, a peãozada entrou em mais essa batalha, com toda disposição. *Acreditava na sua força e seus representantes levavam as propostas que para ela eram as mais corretas.*

Inicia-se uma greve de grande consciência e organização: todos entravam, batiam o cartão e mantinham os braços cruzados em frente às máquinas.

A GREVE BRANCA foi decidida porque: primeiro, a repressão externa era muito grande; segundo, os operários da FIAT tinham um razoável grau de consciência para paralisar "dentro da propriedade do patrão" e "aonde mais se manifesta sua autoridade".

Ao contrário das outras greves, e de sua posição inicial, a diretoria do sindicato dos metalúrgicos "resolve" apoiar a greve e o Comando transfere uma de suas partes (Comissão dos demitidos) para a sede do sindicato, onde também funcionaria o Fundo de Greve. Essa transferência demonstrou de imediato o que seria esse apoio: problemas com a burocracia, boicotes à produção de materiais escritos, tentativas permanentes de manipulação política, chantagens com a solidariedade, confecção de bônus sem o controle do comando etc.

Mas, mesmo assim, tudo indicava que ia ser mais uma vitória. O ânimo aumentava, apesar do escasso apoio ao fundo de greve, do isolamento político do movimento e do boicote da grande imprensa.

As dificuldades no relacionamento com o Sindicato se acentuavam a cada dia. Houve inclusive uma briga, pois o Sr. Jorge, diretor de propaganda, se recusou a rodar um material. Em virtude disso já se buscavam locais alternativos para imprimir os comunicados do Comando, como foi o Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói, onde foram rodados mais de 200 mil impressos. Além do mais, o Sindicato se recusou até o final da greve a ceder qualquer meio de transporte que ficasse sob o controle da Comissão ou do Comando. Éramos obrigados a fazer tudo usando ônibus.

Soubemos, a partir de fontes seguras, que as nossas reivindicações foram consideradas pelas Federações das Indús-

trias (FIRJAN e FIESP) e pelo próprio Governo, como precedentes inaceitáveis para a política de recessão. Ainda mais se adquiridas através da greve.

As federações entraram na briga, concordando em dividir os prejuízos com a FIAT, desde que esta se mantivesse absolutamente intransigente. E foi o que ela fez, entrando com dissídio.

A partir daí, o eixo da luta, operários da FIAT contra patrões da FIAT, foi deslocado para: operários da FIAT contra a classe patronal em seu conjunto. Luta desleal e destinada à derrota, caso a classe trabalhadora não desse um mínimo de resposta também em termos de unidade.

12 de maio: Julgamento da greve. A empresa, com toda certeza de que a greve iria ser julgada ilegal, fez um processo de qualquer jeito, e o tribunal acabou julgando a greve legal, em cima do pedido de ilegalidade mal feito pela FIAT.

O julgamento contraditório do TRT, dando como legal a greve e não julgando as reivindicações, abriu possibilidades de ampliar o Fundo de Greve e de buscar apoio político dos trabalhadores em geral.

O fato importantíssimo nesse dia é que conseguimos levar 850 operários para participar do julgamento. A fábrica pressiona a empresa, que já tinha sido paga para levar os ônibus até o Tribunal. Às 10:30 h do dia 12, chega o gerente da Breda dizendo que não cederia mais os ônibus. O horário de saída era 11:30 h. Mesmo assim, a Comissão Interna consegue, através de um apoio, ir numa empresa e alugar menos ônibus, mas em quantidade suficiente para levar os 850 dispostos operários.

Neste momento, os operários estavam dando uma cartada histórica. Chegamos lá meia hora atrasados, mas o importante é que estávamos presentes.

Foi uma das etapas mais lindas do nosso movimento. Os operários saindo da "guache" e tomando o centro da cidade, que muitos desconheciam. Fizemos uma bela manifestação operária nos portões do Ministério do Trabalho. Nosso lema era: "Um, dois, três, quatro, cinco mil... queremos acabar com o desemprego no Brasil".

Por incrível que pareça, essa é a primeira greve operária legal.

Mas o julgamento foi contraditório "de cabo a rabo". Todos os juizes, ao votarem pelo sim, ou pela ilegalidade, assim o fizeram, se posicionando a favor ou contra as reivindicações. Mas nada disso constava no acórdão.

A fábrica fechava o cerco e mostrava claramente que seu império é mais poderoso que qualquer lei deste país. O próprio Presidente do Tribunal — Dr. Flávio — declara que a empresa é obrigada a pagar os dias parados.

O Comando intensifica as tentativas para que os Sindicatos, Federações de trabalhadores e outras entidades levantassem um apoio político e material para que esta greve, que tantos falavam *só de boca*, se transformasse num "verdadeiro símbolo da luta dos trabalhadores brasileiros".

Concretamente, o máximo que conseguimos foi um aumento do apoio para o Fundo de Greve, quando a *questão-chave* não era mais essa, e sim o apoio político, que dividisse os patrões, fazendo-os se voltar para seus interesses imediatos, e enfraquecesse a unidade em torno da FIAT.

Houve uma melhora do Fundo de Greve, mas insuficiente para atender uma folha de pagamento de 100 milhões de cruzeiros para a peãozada. A fábrica se recusava a pagar e a justiça nada fazia para que ela cumprisse a sentença.

Mas a determinação da peãozada era muito grande. Participava intensamente de tudo, formavam-se espontaneamente centenas de pequenos grupos que saíam às ruas para vender bônus e cartazes, bem como para responder a todas as necessidades que o movimento colocava.

No dia 31 de maio chegou ao Rio o companheiro Bruno Sacerdotti, trazendo da Itália a solidariedade da Federação dos Metalúrgicos de Turim e o compromisso de denunciar a toda Europa as sacanagens da FIAT. Nesse dia (domingo), ficamos duas horas em frente ao Sindicato, fechado por ordem da diretoria, que faltou ao encontro. Não seria só a FIAT que Bruno teria para denunciar. No dia seguinte, o companheiro Bruno falou aos operários nos portões da fábrica e entregou mil dólares para o movimento. Pouco, segundo ele, mas os italianos também estão com problema de desemprego.

1º de junho: Ato Público. Pela manhã foram preparadas as faixas e cartazes e distribuído dinheiro para passa-

gens para os peões que à noite desceram em peso da "Gua-che" e tomaram as escadarias da Assembléia Legislativa. Todos uniformizados, mãos calejadas, num contraste gritante com o ambiente requintado do palácio onde nossos "representantes" velam pelos nossos destinos. Foi mais uma bela manifestação operária. Falaram diversos peões e também representantes de outras categorias, associações e partidos políticos.

4 de junho: Novo Julgamento. Estávamos encurralados: com pouca solidariedade material, e nenhuma solidariedade política.

Dadas as circunstâncias, tínhamos recolocado o problema na Justiça. Afinal, após terem julgado pela legalidade da greve seria uma tremenda contradição não atenderem nem 5% das reivindicações. Ou seja, no mínimo o Tribunal teria de obrigar a empresa a pagar os dias de greve. Entramos com o pedido.

O TRT julga improcedentes as reivindicações, criando um paradoxo jurídico. A massa fica revoltada, pois tinham ido mais de 2 mil operários e suas famílias ao TRT e ao Consulado da Itália (em frente ao Ministério).

Estava claro o jogo. Desde as agressões de que foram vítimas 7 operários, com lesões e escoriações, e a agressão contra o companheiro Luiz, a FIAT passaria a se utilizar da fraqueza demonstrada pelo conjunto do movimento operário. Podia reprimir à vontade, que pouca ou nenhuma pressão externa sofreria.

Mas se desde o primeiro dia do movimento os peões diziam "legal ou ilegal, a greve continua", com o julgamento totalmente favorável aos patrões, a massa se revolta de tal forma que nos dias 5 e 8 (há 39 dias de greve) não deixou ninguém entrar na fábrica.

9 de junho: Mais de 300 PMs ocuparam a fábrica. A intimidação, mesmo com a morte de algum peão pela empresa, poderia mudar os rumos do movimento. Em nenhum momento da greve houve tanta repressão como nesse dia. Os ônibus foram obrigados a entrar direto na empresa. A Comissão decide também entrar. Caminho livre.

Na Assembléia Interna foi decidido pegar as carteirinhas funcionais de todos os companheiros e os cartões de ponto dos membros da Comissão, que já não estavam nos

relógios de ponto. Estava claro que a empresa, apoiada pelo Estado burguês, havia decidido demitir todos os operários mais ativos que identificara, e, além disso, mais companheiros doentes.

Houve invasão da polícia, com tentativa de cercar os trabalhadores. Só não conseguiram porque o Comando presenciou o que eles estavam preparando: "cercar para baixar o pau", como disse um operário. O Comando pediu que a massa se espalhasse pela fábrica. Isto impediu o cerco e a repressão direta. Negociamos com o Comando da PM a saída, sem agressões por parte da polícia. Aliás, havia no meio da PM vários provocadores, que apontavam armas contra nós, e diziam que "iam comer a gente no pau" etc. Terrorismo puro, mas que tinha a função de quebrar o espírito de luta. Percebíamos que este estado de coisas tinha um pretexto: provocar para criar um conflito e baixar o pau, reprimindo com violência aquilo que a consciência dos trabalhadores defendia a todo custo: a greve.

Às 3 horas da tarde, os peões foram retirados à força da fábrica e já tinham dado justa causa para mais 50 trabalhadores. Tínhamos ficado sitiados pela PM de 8:00 h até 14:00 h. Todas as rádios anunciavam o cerco à fábrica e dezenas de mulheres e crianças chegavam lá para "defender" seus parentes.

Quanto ao Sindicato, as coisas começavam a ficar claras para os companheiros que ainda não tinham compreendido o papel dessa Diretoria em todo o movimento. Desde a reunião de sábado, colocavam claramente que não havia condições de continuar com a greve; que "tinha sido a greve mais cara" para eles. Relembrando que o dinheiro que havia sido dado para o movimento, num total de Cr\$ 800 mil, seria como um "empréstimo" que deveria ser reposto no acordo de 1981, através de um desconto para o Sindicato, se recusavam a dar qualquer dinheiro a mais para a greve. Só apoiaram o movimento enquanto fosse julgado legal. Depois, com as dificuldades, apesar da disposição dos trabalhadores, estavam correndo do pau. Aliás, é bom que se diga, até hoje o movimento é legal.

Curiosamente, o acórdão diz claro: "improcedentes as reivindicações e pede o retorno ao trabalho". No "Diário Oficial", no qual se deve basear para executar a sentença, diz apenas "improcedente as reivindicações". Ou seja, nem

um nem outro diz que a greve é ilegal, o que criava condições de continuarmos com o movimento e forçar o patrão a chegar a um acordo razoável.

10 de junho: Amplia-se a repressão policial. Ninguém podia chegar a menos de 100 metros da empresa. Os ônibus passam por um corredor polonês. Os operários são coagidos a sair da fábrica.

10 de junho, à noite: A solidariedade da Igreja se expressa na convocação de um Ato Ecumênico, no Clube Piauí, em Xerém. Além dos 1800 operários, participam D. Adriano Hipólito, D. Mauro Morelli, D. Cláudio Humes, o bispo metropolitano D. Paulo Ayres, o pastor Mozart, e pastores de outras igrejas. No encerramento do ato, fomos em passeata até a subdelegacia do Sindicato em Xerém.

O Comando se reúne para avaliar a situação. O apoio da Igreja chega decidido, mas um pouco tarde. A situação do Fundo de Greve também não dá alento — há pouco mais de Cr\$ 400 mil. Vários operários combativos mostravam que, depois de 40 dias de greve, os companheiros iriam começar a "furar". Não porque não tivessem consciência, mas porque estavam esgotados, sem dinheiro e cheios de dívidas. A greve, como *arma poderosa de pressão econômica*, estava chegando aos seus limites.

O Comando avalia a situação. Era necessário impedir a qualquer custo o esvaziamento do movimento e consequentemente uma divisão na massa. Pois os operários estavam começando a chamar de "fura greve" quem já estava em greve há 40 dias, e isto não corresponde a uma análise correta. Portanto, teríamos que impedir divisão. Isto era fundamental para retomar a luta.

Decisão difícil. Reunião até 3:00 h da manhã. Comando esgotado.

Primeira decisão: é importante assumir a *derrota das reivindicações* pelo isolamento político e garantir que *não houvesse derrota do movimento*. Essa não-derrota consistia em:

- a) Assumir claramente a derrota das reivindicações para a massa;
- b) Impedir o esvaziamento progressivo dali por diante, com consequente divisão da massa;

- c) Não aceitar nenhuma migalha do patrão. *Voltar ao trabalho sem nada.* Isto é, não regatear a dignidade do movimento, o que garantiria a luta posterior pela volta dos 49 demitidos ilegalmente por justa causa.

Essa proposta foi levada à Assembléia e aceita pela maioria, *com uma ressalva:* que se iria negociar naquele dia a volta ao trabalho *já com a volta dos 49 demitidos.*

A Assembléia incumbiu o Pimentel dessa negociação, enquanto a massa ficava de prontidão no portão, pois a Comissão estava demitida e não poderia entrar na fábrica para negociar. Por outro lado, era importante negociar naquele dia porque, como já dissemos, dada a pressão econômica nos lares dos peões e devido à forte repressão da empresa, já havia começado o esvaziamento da greve. Sem negociar a volta, o movimento começaria a se esvaziar, a massa se dividiria, caracterizando assim uma derrota.

Pimentel entrou na empresa para negociar a proposta da Assembléia. Quando voltou, trouxe uma proposta que a empresa havia oferecido, e que ele considerava "boa proposta", mas que era exatamente o contrário do que se esperava: migalhas (do tipo bolsas do SENAI para demitidos, parcelas do dinheiro do pagamento da greve para o Sindicato formar uma cooperativa etc., desconto parcelado dos dias de greve nas férias, 13º, FGTS etc., e a demissão definitiva dos 49 companheiros).

Logo de início ele foi dizendo que a fábrica estava disposta a dar um adiantamento ("empréstimo") no dia 16. Isto para que os trabalhadores aceitassem a proposta imediatamente, pois todos os companheiros precisavam de dinheiro. Mas ele ficou desmascarado, pois no papel estava escrito dia 22 e não dia 16. Imediatamente, saiu o chefe do DP e confirmou que poderia ser então no dia 16.

Pimentel, que chegava juntamente com o Dr. Expedito (advogado do Sindicato), foi encurralado pela Comissão e pela própria massa. Com muito custo ele se definiu contra a proposta que trouxera, que antes dizia ser "boa".

A Assembléia decide pela segunda vez, contra a posição do Comando, pela continuação da greve até a volta dos 49 demitidos.

Define-se também uma Assembléia para o dia 17, com compromisso do Sindicato, de convocação.

Pimentel volta para dentro da fábrica e depois diz que vai ser feita uma votação interna, dentro da empresa, sobre a proposta.

A massa foi contra, pois, primeiro, era necessário que o conjunto da fábrica se manifestasse, segundo, que deveria ser garantida ampla propaganda e, por último, um controle da votação pela Comissão e Sindicato.

Mesmo assim, foi feita a votação com quem estava dentro da fábrica. Nesse dia 11, entraram mais ou menos 950 pessoas (foram servidas 900 refeições). Ou seja, entrou um terço da fábrica, sendo a grande maioria de funcionários da administração, todos os bombeiros e elementos da segurança interna. Pelos dados que temos de dentro da fábrica, calculamos que havia uns 160 operários nas oficinas, *menos de 10% da peãozada* (em torno de 2.200 operários atualmente). Fora dos portões, havia mais de 400 operários em Assembléia, e mais de mil estava ficando em casa, pois nem tinham dinheiro para passagem para ir até a Assembléia.

Pimentel sai da empresa com a Diretoria, mostrando a Ata da votação, que na realidade eles não acompanharam integralmente. Apenas "olharam", apenas viram os votos, mas não controlaram o número de votantes, não se manifestaram contra. Aliás, eles não quiseram, pois um companheiro que estava lá dentro nos falou que havia elementos da Diretoria do sindicato cabalando voto para votar pelo SIM.

Mas, mesmo que aceitássemos os números oficiais da empresa de que 1.220 funcionários votaram pelo "SIM" (de acordo, inclusive, com a posição do Comando), isto não quer dizer que votava com a proposta integral da empresa.

Aqui entra o aspecto mais importante: OS COMPANHUEIROS QUE VOTARAM PELO "SIM" ACREDITAVAM QUE ESTAVAM VOTANDO PELA VOLTA AO TRABALHO. E não apenas porque aceitavam um acordo no qual a fábrica não assume nenhum compromisso com a volta dos 49 demitidos por "justa causa".

O mais curioso ainda é a Diretoria do Sindicato aceitar fazer uma votação com dupla finalidade:

- a volta ao trabalho (e só votava quem já tinha votado);
- e aceitação da ATA (que havia acabado de ser realizada, e a qual o Pimentel disse alto e bom som que aquilo

era apenas uma Ata e o fato de ter assinado não significava nada, apenas que "tomava conhecimento" daquilo. Inclusive, não dava nem tempo para o pessoal votar sobre aquela ata, pois ninguém tinha conhecimento dela).

Além disso, a peãozada que estava lá dentro disse que o voto estava sendo vigiado, com a segurança em cima, numa total repressão.

Pimentel saiu e assumiu a posição na Assembléia de não aceitar a proposta nem a votação como válida. Que iria fazer outra votação e estava marcada a Assembléia no dia 17 para discutir o encaminhamento da luta caso houvesse a volta ao trabalho. Foi marcado dia 17, por ser um dia depois do pagamento que a empresa considerava um "empréstimo".

Esses detalhes são preciosos para se ver o conchavo que foi feito nas costas do trabalhador. Depois, Pimentel, que passou três horas dentro da fábrica, negou qualquer compromisso com aquele acordo. Os jornalistas o desmentiram, dizendo que não era verdade, pois quem não participou foi a imprensa, e o Pimentel não saiu em nenhum momento de dentro da sala onde estavam reunidos a empresa, o Sindicato e o Ministério do Trabalho.

A verdade é dita pelos fatos, pois Pimentel, depois de ser encurralado, acabou confirmando que não tinha nada com isso, não participara de nada, não acompanhou a votação. Realmente, pois ele foi visto tomando cerveja num bar na Mantiqueira, enquanto havia a votação. Quer dizer, só entrou para a apuração da votação.

Soubemos mais tarde que o canalha do Expedito foi quem formulou o item 4 do acordo que pretende ser o co-veiro da Comissão e dos 49 demitidos por justa causa.

Grande sujeira contra a categoria metalúrgica. Estava claro daqui pra frente o time em que Pimentel jogava. A massa já enxergava, mesmo que tarde. Agora o peão estava de olhos abertos.

12 de junho: Não há Assembléia. A fábrica, baseando-se na votação, obriga os ônibus a entrar direto na empresa. A PM reprime qualquer operário que tenta sair dos ônibus. Todos que entram na fábrica não podem sair.

Estava feita a questão: "A greve não acabou. Foi acabada". O Comando orienta os operários, cerca de 300, que moram pelas redondezas e chegavam a pé até o portão, de

que não haveria Assembléia, para não prejudicá-los. A Assembléia já estava marcada para o dia 17, conforme decidido ontem.

Havia esperança na massa: retomar a luta pela volta dos demitidos.

O Comando foi ao Sindicato para discutir com a Diretoria o que tinham feito no dia anterior. Além disso, o "Dr. Expedito" marcou uma reunião às 11 horas com os demitidos, no Sindicato. Não apareceu o dia todo.

Pimentel se compromete a colocar edital nos jornais sobre os três pontos aprovados em Assembléia:

- Problema dos demitidos por justa causa.
- Minuta do Acordo de 1981.
- Formação da Associação (Diretoria e valor das prestações).

PREPARAVA-SE O CAMINHO PARA A RETOMADA DA LUTA.

13 de junho: A Diretoria se reúne, sem que ninguém saiba. As decisões são as mais fascistas que se conhecem:

— Uma nota seca, pregada na porta do Sindicato e assinada por toda a Diretoria, comunicando: que iam assinar o Acordo, que reconheciam a farsa de votação da empresa como válida, que davam 48 horas para o Comando sair de suas dependências (inclusive com as 4 toneladas de alimentos que pertencia aos demitidos), que proibiam a entrada na sua sede de qualquer elemento ou entidade de apoio (muitos apoios continuavam a enviar comida para o Sindicato, que era devolvida). Por último, para "sacramentar a sacanagem", comunica que não mais haveria a Assembléia marcada pelos operários para o dia 17, para decidir os rumos do movimento.

15 de junho: Chegam alguns apoios ao Sindicato, levando material e dinheiro para os demitidos e querendo saber como poderiam continuar a ajudar o movimento. SÃO PROIBIDOS DE ENTRAR. Quer dizer, nem o prazo que estava na nota eles estavam cumprindo.

O objetivo era desarticular tudo. Barrar qualquer solidariedade aos demitidos por justa causa, pois qualquer um sabe que após 50 dias sem dinheiro qualquer pessoa está cheia de dívidas e de necessidades financeiras. Só a Diretoria fascista não se incomodava com isto. Qualquer que

fosse a divergência com o Comando, JAMAIS uma Diretoria Sindical poderia fazer o que fez, pois significava levar ao desespero centenas de chefes de família que ainda necessitavam de apoio material e moral. Era também uma forma de desorientar a massa.

Nesse mesmo dia, parte da Comissão espera o Sr. Pimentel, mas ele não apareceu o dia inteiro. O advogado marca com os demitidos e novamente não aparece. O Comando queria levar a nota para discutir com o conjunto e o Sindicato se recusou a dar.

A tarde, sabe-se que o Sr. Nilson Duarte, velho policial da FIAT, tio do chefe de Segurança, foi quem levou a nota para a empresa reproduzir e ela mesma distribuir para os operários.

QUEM SÃO ESSES SENHORES?

DIRIGENTES SINDICAIS OPERÁRIOS OU DIRIGENTES SINDICAIS DO SINDICATO PATRONAL?

16 de junho: O Comando continua querendo conversar com a Diretoria. Foi ao Sindicato por três motivos: conversar com a Diretoria; participar da homologação dos demitidos, que estava sendo feita naquele dia, pois em geral o Sindicato não dá nenhuma assistência, nem verifica se a indenização está correta; retirar o material que estava lá; e participar da reunião marcada pela Diretoria com os demitidos por justa causa, às 9:00 h da manhã.

Conclusão: vários erros na indenização dos companheiros, não houve reunião, e ainda fomos agredidos com uma faca-canivete pelo Diretor do Departamento Jurídico.

(Veja as denúncias contra a Diretoria no final deste relatório.)

17 de junho: *Mesmo* com toda a repressão interna, com os ônibus saindo de dentro da fábrica, com a chefia passando questionário para saber se o peão ia ou não participar da Assembléia, com o comunicado do Sindicato desautorizando a Assembléia, com os filmes e fotos com os quais a segurança da empresa impõe o terror policial, chamando os operários que estão neles identificados e mostrando a eles, advertindo de que não deviam nem chegar perto da Comissão, NÓS CONSEGUIMOS REALIZAR A ASSEMBLÉIA COM 200 (duzentos) COMPANHEIROS.

SITUAÇÃO ATUAL E PERSPECTIVAS

Está se formando um Comando Interno Provisório, para atuação dentro da empresa. A dificuldade está em que os operários que estão empregados não podem ser vistos com qualquer companheiro da Comissão.

Conseguimos um local, cedido pela Igreja, para estocar 3 mil quilos de alimentos que restam do Fundo para os demitidos.

Continuamos também na Subdelegacia Sindical de Xerém, pois lá é o único lugar central perto da fábrica e que todos conhecem. INSISTIMOS em ficar aí porque esse local sempre esteve fechado para os trabalhadores — desde 1979 que a Diretoria impediu que se fizessem reuniões lá. Com a greve e a força do movimento, a Diretoria foi obrigada a abrir a subdelegacia para participação da massa. E lá foi feita toda distribuição de alimentos do Fundo de Greve; lá a massa aprovou em Assembléia que deveríamos estabelecer o Comando; lá a Assembléia decidiu que a Associação Cultural e de Ajuda Mútua deve ficar até conseguir um local fixo; e lá os demitidos por justa causa — ou não — vão diariamente conversar e discutir sua situação.

O Sr. Nilson, novamente, telefonou para a polícia dizendo que nós “tomamos de assalto” a subdelegacia, que aquilo tinha virado bagunça e anarquia.

O Sr. Mário Bravo, advogado do Sindicato, telefonou para uma pessoa que lá esteve, perguntando se era “verdade que a secretária e o dentista não estavam lá porque nós não permitíamos”. Grande sujeira!

A polícia foi até lá às 17:00 h. Dois deles descem armados e perguntam se podem entrar. Então eles começam a explicar perante a Comissão, demitidos e seus familiares o telefonema que receberam.

É claro o objetivo deles e do Sr. Pimentel: retirar o Comando de perto da fábrica, ou seja, a Diretoria da fábrica

manda e eles obedecem. Vejam a declaração no jornal "O Dia" (dia 25), do Pelego, afirmando que vai expulsar todo mundo, que invadimos a sede etc.

São estas as atitudes desses funcionários do sindicato, que defendem seus cargos, administram o que é construído com dinheiro do trabalhador como se fosse propriedade sua. Para isso, não vacilam em se aliar aos patrões contra os operários. Querem o caminho livre para continuar enganando os trabalhadores.

Somos oposição a esta diretoria pelos seus desmandos e autoritarismo, criticamos o acordo feito nas costas do trabalhador por eles, não aceitamos ser dominados por cúpulas sindicais e exigimos ampla e democrática participação das bases.

Acreditamos que só a organização pela base poderá transformar este Sindicato, de instrumento dos patrões, em autêntico organismo de massa onde o peão bate no peito e diz: "Aqui quem manda sou eu".

Daqui pra frente estamos trabalhando na formação da nossa Associação Cultural e de Ajuda Mútua, pois isto é de interesse dos trabalhadores da FIAT e da própria região. A Associação Cultural e de Apoio Mútuo foi criada durante essa greve. Tem por finalidade a criação de um fundo de ajuda mútua em casos de doença e outras dificuldades; arrecadar fundos para assistir trabalhadores quando participantes de movimentos reivindicatórios ou que tenham sofrido suas conseqüências; permitir o desenvolvimento dos trabalhadores do ponto de vista cultural, artístico, profissional e recreativo, através de conferências, seminários, shows, cursos de formação; e desenvolver o espírito de solidariedade entre todos os trabalhadores, favorecer mutuamente a partir de contatos com produtores na compra de gêneros de 1ª necessidade etc.

O Comando e os demitidos estão tentando fazer com que esta Diretoria marque uma Assembléia para discutir os demitidos por justa causa e o Dissídio de 1981 (nossa data-base é 1º de agosto).

A história da libertação dos trabalhadores passa por muitos caminhos. Esses ditos "representantes" dos trabalhadores não souberam tratar o capital à altura com que

ele — o capital — procura destroçar, esmigalhar, dividir e assassinar o trabalhador.

Quando os patrões, em sua ganância de lucro, reprimem e humilham aquele que julgam mais fraco, o monstro se esquece que o medo que temos dele é proporcional ao ódio que temos da exploração e da miséria social, cultural e psicológica.





5

AS AÇÕES MAIS GRITANTES DA DIRETORIA

SINDICAL, CUPULISTA E PATRONAL

GREVE/79 da FIAT — Em reunião realizada no dia 23/7/79, 11 pessoas ligadas ao Sindicato pedem ao Major Vitor, Gerente de Relações Industriais na época, que “prendam esse Homem”. Esse homem é o companheiro Luiz Giannini. Essa reunião, realizada às 11:00 h, foi decidida porque havia um processo grevista deflagrado contra a orientação do Sindicato. A massa não agüentava mais a situação de ver permanentemente reduzido o quadro funcional da empresa. O Sindicato era a favor da política do “diálogo”, os trabalhadores são a favor da política da “greve”. Participantes principais dessa reunião:

- Oswaldo Pimentel (Presidente do Sindicato na época)
- Roberto Cipó (Delegado Sindical da área de Caxias)
- Nilson Duarte (Suplente do Pimentel na Diretoria)
- Pierre François (Advogado do Sindicato)
- Cristóvão (Tesoureiro)
- etc.

Dentre eles, dois companheiros que mais tarde contaram todo o diálogo para nós. Isso tudo será retratado num livro que em breve publicaremos.

No dia 24/7/79, o companheiro é preso na entrada da fábrica e assim o movimento adquire outra conotação: a volta do companheiro Luiz e o restante das reivindicações.

GREVE/79 DOS METALÚRGICOS DO RIO DE JANEIRO —

Luiz é agredido três vezes pela Diretoria do Sindicato. Numa delas estava com sua esposa, mas consegue se livrar porque estavam perto vários operários de Nova Iguaçu que o reconhecem. Outra agressão foi feita na Delegacia Sindical de Nova Iguaçu.

E a última numa Assembléia, onde o companheiro levou uma porrada pelas costas do Martinho (atual Diretor do Jurídico) que chegou a cair do local que estava.

FIAT — INSALUBRIDADE — NOVEMBRO/79 — Os operários que passaram a ganhar insalubridade têm direito a dois anos atrasados pela lei 6.114, mas a Diretoria enrolou até hoje. Total de prejudicados: 1.850 operários e chefia subalterna das oficinas.

FIAT — ELEIÇÃO CIPA — DEZEMBRO/79 — A Comissão exige e consegue eleições democráticas para formar a CIPA do peão. Nilson e Diretoria do Sindicato formam uma chapa contrária, através de vários artifícios, inclusive enganando operários que nem sabiam que estavam concorrendo contra a chapa organizada pelos seus representantes.

OUT.-NOV./79 — MAIS TRÊS DURANTE O ANO DE 1980 E O ÚLTIMO NO MÊS DE JANEIRO DE 1981 — Panfletos feitos pela empresa e por elementos da Diretoria do Sindicato. Aparecem difamando a Delegação, chamando de ladrões, loucos, anarquistas etc. São xerografados na FIAT.

O ano de 1980 é marcado por vários boicotes, traições e armadilhas contra os trabalhadores da FIAT. Todas elas no mesmo nível da reunião do dia 23 de dezembro de 1979 em que a Diretoria pede a expulsão de Luiz de sócio do Sindicato. Isto porque eles são vaiados pela massa que joga ovo neles numa Assembléia, devido à sujeira que se estava fazendo em relação ao problema da Insalubridade e da Equiparação.

GREVE DE 1981 — Contra o Desemprego. Problemas que tivemos:

- Dificuldades para rodar material, sendo obrigados a recorrer a outras fontes. Apenas 1/3 do material foi rodado no Sindicato, a outra parte foi paga ou rodada por apoio.
- A Diretoria "emprestou" 800 mil cruzeiros e exigiu que fossem pagos em agosto a partir da cláusula 5ª do acordo.
- A Diretoria impôs como advogado o Dr. Expedito, com má fama, e ganha uma nota dos rodoviários através de contrato até hoje não tornado público. Aliás,

o mesmo tipo de acordo foi feito entre o Expedito e a Diretoria. Fomos obrigados a aceitar.

- Num determinado momento em que o nosso Fundo de Greve estava com apenas 270 mil, pedimos à Diretoria para adiantar a ajuda de custo deles, que dá um total de mais de 300 mil cruzeiros. Eles enrolaram e até hoje nada deram pessoalmente para a greve, ao contrário.
- A Diretoria resolve, contra a decisão da Assembléia, fazer um bônus (20.000 cópias) de que não prestou contas até hoje.
- Guedes, Delegado Sindical da área de Caxias, impede a utilização da Delegacia na área para favorecer o Fundo de Greve. Fomos obrigados a utilizar a Igreja.
- Nilson, Delegado Sindical da área de Caxias, cria uma série de problemas, impede de usar telefone, mas, como a pressão da massa é muito grande, e a Delegacia é na área sindical da FIAT, é obrigado a aceitar a presença de operários demitidos lá, para organizarem o Fundo de Greve na Região.
- A Diretoria em nenhum momento saiu às ruas para recolher ajuda para o movimento. Muito menos foi feito para mobilizar a categoria para a Assembléia Geral marcada em apoio aos trabalhadores grevistas da FIAT. Não houve nenhuma denúncia de qualquer elemento dessa Diretoria nas portas das fábricas. A exceção é o caso do Divino (Diretor de base).
- A massa denuncia que Pimentel e Expedito, durante e depois das Assembléias a partir do dia 8, ficaram colocando medo no peão para não mais participar do movimento.
- Em todo o processo de greve, foi proibido utilizar o Sindicato aos domingos. Tivemos a triste experiência de levar o Sr. Bruno, da Federação Italiana lá, num domingo, e fomos impedidos de entrar. Um dia, Martinho ameaça chamar a polícia contra 2 companheiros do Comando, que queriam virar a noite para deixar suas tarefas prontas para o dia seguinte.
- Etc. etc. etc. etc.

A VERDADE SOBRE O CONFLITO NO SINDICATO, NO DIA 16

Era o dia 16, último dia que o Sindicato tinha dado para o Comando sair de suas dependências. Depois da traição da assinatura do acordo, que eles queriam pessoalmente impor aos combativos operários da FIAT, e ao seu Comando, eleito por 90,8% dos votos. Eles queriam se livrar da greve que nunca apoiaram de fato, e ao mesmo tempo esmagar os operários, humilhando seus representantes, enxotando-os como cachorros.

O Comando se retirava quando dois companheiros (um da Delegação e um demitido) conversavam com o Martinho, sobre o papel que o Sindicato cumpriu na greve e sobre aquela "expulsão". Aí começou uma discussão, sobre a qual os meios de comunicação não colocaram a verdade. Martinho soltou pra fora tudo aquilo que esta Diretoria acha dos operários da FIAT e de seu movimento: "você são marginais mesmo / a greve de vocês é bagunça e anarquia / vocês vão ter que sair do Sindicato na marra / aqui quem manda somos nós e está acabado. / Fui eu quem construiu este Sindicato / essa foi a greve mais cara que o Sindicato já teve etc". A discussão esquentou e, num momento, Martinho, que não estava disposto a só ficar no bate-boca, empurrou o companheiro e puxou um canivete-faca, de 15 cm de lâmina e partiu pra cima do companheiro, disposto a esfaqueá-lo. Após duas tentativas, vários outros companheiros correram e seguraram o Martinho na marra, desarmando o agressor. Outros diretores correram para ajudar o agressor, quando um companheiro gritou: "Que Diretoria de Sindicato é essa que puxa faca pra peão? Vocês são é marginais!". Os diretores avançaram (cinco no total) e aí o pau comeu.

Se alguém apanhou mais ninguém sabe. O que se sabe é que os cinco pelegos receberam os tapas que mereciam.

Depois do rápido conflito, o Comando foi embora, com os demitidos, na certeza de que dessa vez foi diferente de tantas outras vezes em que essa Diretoria fascista agrediu covardemente muitos outros operários. Martinho, por exemplo, tem fama de "dar porrada em todo opositor", e só anda armado como toda Diretoria. Em 1980, na campanha eleitoral, deu um soco no olho do companheiro Helinho, da Chapa 3; o companheiro foi parar no hospital. O pior é

que o Helinho já era cego do outro olho, e Martinho deu-lhe um soco exatamente na vista boa, quebrando os seus óculos e quase fazendo com que perdesse a vista.

Esse é o comportamento dessa Diretoria Autoritária e fascista que agride fisicamente a classe que deveria defender, e depois vem pousar de vítima com o auxílio da imprensa dos patrões.

O artigo produzido por um jornalista do "Hora do Povo", no "Última Hora", foi reproduzido pela FIAT e distribuído entre os operários. Por quê? Porque o artigo vinha exatamente de encontro aos interesses dos patrões. Denegria a Comissão e criava uma imagem de loucos, de vândalos, como disse o Pimentel.

Acontece que o feitiço virou contra o feiticeiro e a massa está mais revoltada ainda, pois o que pensam os patrões da FIAT e da Diretoria Sindical? Que os trabalhadores são idiotas e não estão vendo o que está à sua volta? A peãozada, quando recebia o panfleto da empresa, rasgava na hora e dizia: é "pena eu não estar lá pra ajudar a quebrar eles no pau também". A Comissão que também foi agredida, acabou sendo aplaudida pela massa pela façanha da antipropaganda dos jornais.

Depois que o coro comeu solto o Sr. Cristóvão, Diretor-tesoureiro, telefona para um vizinho da Subdelegacia Sindical de Xerém, e seu diálogo é mais ou menos esse que o companheiro que recebeu o telefonema retratou para nós:

"Alguém chega na Subdelegacia de Xerém e chama o Divino (Diretor de base) ou o Nilson (Delegado da área de Caxias), ou o Edir (Suplente da Diretoria). Nenhum deles está lá. E um companheiro demitido que não sabia nada do conflito vai atender.

O companheiro que já estava meio cabreiro com tudo que vinha acontecendo atendeu.

Cristóvão — É o Edir?

Companheiro — É.

Cristóvão — (conta todo o conflito do ponto de vista deles) — Essa corja de marginais, safados... (e por aí afora) agrediram o Martinho, que saiu daqui todo machucado...

Companheiro — (Fazendo-se de desentendido.)

— É mesmo, rapaz?! Mas que sacanagem, e agora?

Cristóvão — Pois é, Edir, esses safados ainda não estão satisfeitos, por termos conseguido tirá-los da fábrica. Eles não sabem que nunca mais vão voltar lá, pois a gente dessa vez fez o serviço bem feito.

Cristóvão — Escuta:

Companheiro: — Oi!

Cristóvão — Você procura o Nilson imediatamente aí na fábrica, e avisa ele pra dizer para o Sr. Fernando Guimarães (Gerente de Relações Industriais da FIAT) pra mandar a polícia expulsar essa corja que tá aí na sub-delegacia que o resto a gente garante.

Companheiro — (Já enojado, responde:)

— Escuta, cara, sabe com quem você está falando?

Cristóvão — Ué, não é o Edir?

Companheiro — Não, seu filho da puta, é o...

Cristóvão — (Bate o telefone.)

COMANDO DE GREVE DENUNCIA AGRESSÕES

— “O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, Osvaldo Pimentel, acompanhado por membros da diretoria e por elementos estranhos à categoria, invadiu, visivelmente embriagado, a subsede do Sindicato, em Xerém, a 23 quilômetros do Rio, e passou a agredir violentamente os componentes do Comando de Greve que se encontravam no local discutindo a Conclat e a distribuição de alimentos para os 49 demitidos na greve de 42 dias.”

Essa denúncia foi feita ontem por integrantes do Comando de Greve da FIAT Diesel, que estão em São Paulo participando da Conclat, a convite de Luís Inácio da Silva, o Lula.

ESPANCAMENTO

— Eles estavam em cerca de 76 elementos, com toda a diretoria do Sindicato, todos bêbados. Entraram dizen-

do palavrões e passaram a me agredir violentamente, a pontapés. Ameaçaram até uma mulher grávida, que estava na subsede distribuindo alimentos para os desempregados. Não satisfeitos, os baderneiros começaram a jogar pacotes de alimentos destinados aos desempregados, para cima, estourando os sacos plásticos e desperdiçando a comida — disse Sérgio Rodrigues, um dos membros do Comando de Greve espancado pelos sindicalistas.

Os membros do Comando de Greve denunciaram, ainda, que o advogado do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, Rildo Brandão, obrigou, por meios violentos, José Gonçalves, membro do Comando, a assinar um documento desautorizando a permanência do pessoal do Comando na subsede.

— Na hora da briga, o representante do Sindicato junto à Federação, chamado Antonio Carlos, sacou seu revólver e fez quatro disparos contra os pneus de carros que serviam para o transporte dos membros do Comando de Greve — disse Sérgio Rodrigues.

Essa é a triste história dessa Diretoria marcada por sérias divergências internas e de profundas traições à categoria. Da mesma forma que venderam a dignidade do movimento da FIAT, são capazes de qualquer coisa.

Hoje em dia andam armados, dizendo que vão matar pelo menos cinco do Comando e expulsaram 30 operários do Sindicato. Iniciam com essas ameaças o fim de suas carreiras sindicais de serviço aos patrões.